

CAIRBAR SCHUTEL

ESPIRITISMO

— E —

MATERIALISMO

Aos que procuram a Verdade



Editado nas Officinas d'O Clarim
Brasil—MATTÃO—E. S. Paulo

Conteúdo resumido

Este pequeno opúsculo vem nos falar aos nossos corações que a imortalidade, a reencarnação e o além túmulo não são meras miragens como tentam demonstrar os sistemas de idéias materialistas mais sim são verdades eternas para os nossos espíritos eternos.

Sumário

I - Duas palavras /03

II - Existência e imortalidade da alma /04

III - Estudo Experimental /06

IV - A alma revestida do seu corpo fluídico /09

V - Padres e ministros protestantes /15

VI - Satanás e loucura /17

VII - A fé, a razão e a liberdade /19

VIII - Religião e religiões /21

Conclusão /24



I

Duas palavras

Quando, ao nos iniciarmos no Caminho da Verdade, começamos a estudar o "porquê da Vida e o porquê da morte", fizemos a promessa de não reter em nossos lábios e não cristalizar em nossas penas todas as novas aquisições que os céus nos concedessem. Temos procurado cumprir esse ditame no estreito limite das nossas forças.

E assim que reeditamos agora este opúsculo, com o único intuito de tornar conhecida a Doutrina que nos alimenta e fortalece.

Uma só glória e recompensa desejamos, é que as poucas, mas sinceras palavras encerradas neste folheto, dêem a pensar a todos os que o lerem.

Cairbar Schutel



II

Existência e imortalidade da alma

Antes de entrarmos em consideração sobre as seitas religiosas que disputam a posse da Verdade, cumpre-nos primeiramente indagar se, com efeito, continuamos a viver depois do aniquilamento do nosso corpo físico, ou se esse ser que pensa em nós é o resultante das funções cerebrais e também se ele se aniquila no momento em que o nosso corpo tomba exânime, em uma palavra, se somos imortais.

Até aqui todas as congregações religiosas têm afirmado a sobrevivência da alma, mas a sua filosofia abstrata tem implantado o cepticismo, o ascetismo, o fanatismo e a superstição, em vez de trazer luz para o assunto de tanta transcendência qual o reconhecemos a nossa própria existência - a nossa imortalidade e, portanto, os nossos deveres para com Deus.

A Lei de Deus implica a existência da alma e sua imortalidade, pois, em caso contrário, as leis da Terra - o "Código Penal" - seriam suficientes para regular as nossas obrigações para com a sociedade.

Hoje que a humanidade está cansada de especulações filosóficas que saem das forjas do sectarismo religioso, é preciso que as palavras se apoiem em fatos - as teorias apresentadas para demonstrar a nossa imortalidade venham acompanhadas de testemunhos visíveis e tangíveis - método mais convincente, adotado pela ciência positiva da verdade.

É esse o papel que vem representar o Espiritismo.

Ele nos aponta um mundo invisível e nos ensina os meios de estabelecermos relações com os que nos são caros e se mudaram para esse mundo.

Se quisermos nos comunicar com os parentes ou amigos que residem na Europa, Ásia e África, sujeitamo-nos aos meios de comunicações até agora estabelecidos para podermos receber notícias suas e cada vez mais estreitarmos os laços de amizade que nos prendem. Por que não havemos

de fazer o mesmo com esses nossos amigos e parentes que se mudaram para o mundo dos Espíritos, e continuam tão vivos como nós e ainda mais - libertos das prisões corporais que os prendiam a esta terra?

Mas comecemos onde devemos começar, para depois entrarmos em considerações mais circunstanciadas.

Temos alma, - ou a nossa inteligência e vontade são emanções da substância cerebral?

A tradição nos responde que sim - temos uma alma imortal - o bom senso também opina pela existência e sobrevivência da alma. O raciocínio depois de acurado estudo fortalece a argumentação em prol da dualidade: Espírito e corpo, este como instrumento e aquele como fator, e as nossas ações boas ou más como as funções emanadas do Espírito e manifestando-se no exterior.

Deixemos, porém, de parte a tradição, porque nem sempre ela pode servir de base para argumentos; abandonemos também o bom senso que pode falsear de inteligência a inteligência e desprezemos por um momento o raciocínio, mesmo porque nem todos se acham de posse da razão, pois se escravizaram aos gozos temporários desta existência ou às delícias abstratas prometidas por homens que, transviando a sua missão, cuidam dos corpos e não das almas, trocam o Reino de Deus pela vil moeda da qual e pela qual vivem.

Passemos aos fatos.

Sem querer citar as experiências de escrupulosos sábios que conseguiram conversar com as almas como quem conversa com qualquer criatura humana face a face, fotografá-las, obter delas moldagens das mãos em parafina; sem falarmos nas assombrosas manifestações obtidas por Crookes, Wallace, De Rochas, Gibier, Lombroso, Maxwell, Aksakof, Camilo Flammarion e mais uma centena de sábios que seria fastidioso enumerar, e das frisantes manifestações espontâneas que se repetem freqüentemente em todas as localidades do mundo - nas chamadas casas assombradas - busquemos testemunhos que possam ser obtidos por nós, pois são estes que mais impressionam os nossos sentidos.

Se o nosso eu existe independente do corpo físico, precisa se manifestar fora desse corpo para que possa se constatar a sua existência.

E o que vamos examinar.



III

Estudo Experimental

Meios de comunicações com os Espíritos

As teorias proclamadas pelo Espiritismo são de um valor incalculável, mas a incredulidade arraigou-se tanto no espírito humano que só mesmo os fatos, que são as demonstrações dessas teorias, poderão convencer o homem da sua imortalidade.

É preciso, entretanto, procurarmos a Verdade, e não ela que nos deve procurar. Procuremos os fatos e eles serão apresentados com toda a clareza para quebrar a monotonia estúpida de uma "crença banal": a crença no nada; - ou a crença naquilo que nos apresenta como verdadeiro, mas que a nossa consciência repele e a nossa razão repugna.

Para ter certeza se a alma sobrevive a morte do corpo, o meio mais seguro é procurarmos estabelecer relações com essas almas nossas amigas que já se despojaram do seu corpo material.

As experiências por meio da Mesinha que constituem o A-B-C do espiritismo prático já caíram em desuso, visto os meios que temos de mais fácil comunicação; entretanto não deixaremos de dar aqui algumas indicações sobre esse meio, se bem que rudimentar, pelo qual podemos conversar com nossos parentes e amigos "que já morreram", como se diz em linguagem vulgar.

Aproveitamos o método preconizado por "Stainton Moses":

"Escolhei de 4 a 8 pessoas entre homens e mulheres, colocai-vos em torno de uma mesa redonda, de tamanho conveniente, e estendam todos as palmas das mãos sobre a mesa. Não é necessário que as mãos se toquem. O prelúdio do sucesso é habitualmente uma corrente de ar frio que passa pelas mãos e braços de alguns dos operadores e uma espécie de tremor da mesa.

"Assim que a mesa começar a agitar-se, deixai as mãos repousarem delicadamente sobre a sua superfície a fim de terdes a certeza de que não sois como partes nos seus movimentos.

"Dentro em pouco vereis provavelmente os movimentos ainda se reproduzirem mesmo que as vossas mãos se conservem acima da mesa sem tocá-la.

"Logo que julgardes estar bem desenvolvido esse trabalho escolhei dentre vós alguém para dirigir a conversação.

"Manifestai à inteligência invisível o desejo de se convencionar certos sinais, e pedi-lhe que dê uma pancada cada vez que ao pronunciar-se lentamente as letras do alfabeto chegar-se àquelas que entram na formação da palavra que a inteligência quer ditar. Será bom usar-se uma pancada para exprimir não, três para sim, e de duas quando houver "indecisão".

"Uma vez estabelecidas suficientemente as comunicações, perguntai à inteligência quem ela é ou pretende ser, e quem é o médium dentre vós, e fazei o questionário que puder auxiliar vossas investigações.

"Se houver tentativa de pôr o "médium" em "transe" ou de produzir manifestações violentas, solicitai que essas experiências sejam adiadas até poderdes contar com o concurso de um espírita bem prático.

"No caso da inteligência não concordar com o vosso pedido levantai a sessão.

"Nunca tenteis uma investigação tão séria por frivolidade ou passatempo.

"Tende boas intenções e um raciocínio criterioso se quiserdes encontrar a verdade.

"Existem muitos meios de comunicações, porém a escrita manual é a mais simples, a mais cômoda e a mais completa. Esta é a forma de mediunidade que permite estabelecer relações com os Espíritos, tão seguidas e tão regulares como as há entre nós, tanto mais que é por meio dela que os Espíritos revelam melhor a sua natureza, grau de sua perfeição ou de sua inferioridade.

"A faculdade de escrever por um médium é a que é a mais suscetível de se desenvolver pelo exercício.

"Entre outros graus de mediunidade distinguimos aqui: o "Médium

Mecânico", quando o impulso da mão é dado independente da sua vontade; o Espírito atua diretamente sobre a mão, escrevendo enquanto tem o que o dizer. Neste caso o médium não tem consciência do que escreve.

Médium Intuitivo é o que recebe o pensamento do Espírito. Neste caso o Espírito não atua sobre a mão e sim sobre a alma do médium com a qual se identifica. A alma com esse impulso dirige a mão, e a mão dirige o lápis.

Médium semi-mecânico é o que sente o impulso dado à sua mão, sem que o queira, mas tem ao mesmo tempo consciência do que escreve.

"Fazei vossas experiências, tomai o lápis e papel e esperai por 15 minutos, todos os dias a uma hora determinada, durante 15 dias - 1 mês - 2 ou mais se for preciso, que obtereis a prova do prolongamento da vida daqueles que vos são caros. Existem médiuns que só depois de seis meses de exercício diário conseguiram escrever, ao passo que outros escrevem corretamente logo à primeira vez.

"Não há fórmula sacramental para as invocações, entretanto convém que sejam feitas em nome de Deus. Pode ser nos seguintes termos ou em outros equivalentes: "Rogo a Deus Todo Poderoso me conceda a graça de comunicar-me com o Espírito de F..."

"Quando se chama por Espírito determinado é muito essencial ao começar não se dirigir senão aos que só sabem ser bons e simpáticos, e que podem ter um motivo para vir como parentes e amigos.

"Quereis ver o que é uma alma - disse o padre Vieira - olhai para um corpo sem alma".

A nova filosofia agora vem nos dizer o que Vieira não o pôde: "Quereis ver o que é uma alma?" "Privai com ela por algum tempo, fazei-a escrever, conversar, se fotografar, e vos convencereis da existência das almas".

Não se procura demonstrar mais a sobrevivência da alma com floreios de retórica, mas mandando aplicar os métodos indutivos da ciência:

Estuda - Observa - Experimenta.

Allan Kardec trata da parte "Experimental do Espiritismo" no seu livro "O Livro dos Médiuns ou Guia dos Médiuns e dos Evocadores" que recomendamos a atenção dos que quiserem fazer experiências.



IV

A alma revestida do seu corpo fluídico

Magnetismo e Hipnotismo

Se estudarmos o Magnetismo e o Sonambulismo e pusermos em prática as teorias dessas ramificações do Espiritismo, havemos de nos convencer que a alma revestida de um corpo fluídico pode agir fora do corpo carnal, demonstrando assim a sua individualidade. Seria mesmo impossível conceber uma alma sem corpo, pois é lógico que a alma existindo deve forçosamente ter um corpo imperecível que a acompanha antes e depois da morte. Assim é que se efetua a transição que chamamos indevidamente morte, esse corpo fluídico que acompanha o corpo físico se separa dele restituindo à terra o que era da terra.

As experiências dos sábios vêm em apoio dos Ensinos dos Espíritos, sobre o corpo fluídico; - os sonâmbulos do magnetizador Lewis e da Sra. Morgan desdobraram-se a ponto de produzirem manifestações físicas à distância e serem vistos por pessoas suas conhecidas.

Sob a influência do magnetismo, a perispirito ou o corpo fluídico se exterioriza a ponto de ser fotografado.

Haja vista as observações de De Rochas e do Dr. Barlemont que fotografaram o corpo de um médium e do seu duplo momentaneamente separados.

Como se poderá explicar a visão com os olhos vendados, - à distância e no interior do corpo humano a não admitirmos a alma?

Puysegur, Deleuze, du Potet e outros, concluíram pelas suas experiências que o sono magnético immobilizando o corpo e aniquilando os sentidos restitui a liberdade ao ser psíquico, que não pode ser outra coisa senão o Espírito, pois ele vive e pensa fora da matéria. O Dr. Gibier diz em sua obra *Análise das Coisas* que desde a "fascinação" até o sono

letárgico, vemos o caminho que leva ao estado de desdobramento da pessoa.

O Dr. Deleuze afirma: "O magnetismo demonstra a espiritualidade da alma e sua imortalidade".

Creia o leitor que nada tem de comum as faculdades da alma com a matéria.

O magnetismo e hipnotismo são ótimos auxiliares para estudar a alma, quer aliada a um corpo carnal, quer separada desse corpo e em sua vida psíquica.

Na impossibilidade de transcrevermos narrações autênticas das que sem dúvida muito interessariam a quem nos lê, visto os poucos recursos de que dispomos, lembramos entretanto aos que se interessam pela Verdade, o livro de Gabriel Delanne: "A Alma é Imortal", que derrama jorros de luz sobre o assunto que nos prende a atenção.

Materialismo

Fatigada dos absurdos dogmáticos da crença banal e irrisória decretada pelos ambiciosos que chamaram a si o privilégio da Verdade, grande parte dos homens, fazendo completa abstração de seus deveres para com Deus e seu próximo, enveredaram para as teorias do "nada", abraçando a crença no aniquilamento da alma, e com ela a de todas as aptidões, - todas as habilidades, - todos os sentimentos, ainda mesmo aqueles que nos aproximam da perfeição.

Não temos a pretensão de fazer neste pequeno opúsculo, um estudo das teorias materialistas, sejam as de Buckner, Moleschot e Comte, etc.; seja o "Monismo" de Haeckel com suas "demonstrações científicas", desmascaradas hoje pelos eminentes sábios - Oliver Lodge na Inglaterra, Bass, na Alemanha. Entretanto, não podíamos furtar-nos de apontar essa doutrina errônea e falsa em suas bases primordiais, como uma das causas da anarquia morai que reina em todas as consciências, implantando o egoísmo, o orgulho e todas as vis paixões e trazendo a dissolução na sociedade.

Acobertando-se com suas regras de moral, substanciosas na forma, mas vazias de um sentimento sério realizável, caminha o Materialismo

estabelecendo a derrocada nos espíritos fracos e pusilânimes, e destruindo o que há de mais santo e de mais verdadeiro - a liberdade que por Deus nos foi confiada para prestarmos severas contas das obras por nós praticadas'.

Esquivemo-nos, porém, de comentar as teorias irracionais, desconsoladoras e prejudiciais dos adoradores da matéria - deixemos a censura que nada edifica a quem procura a Verdade, e passemos ao raciocínio e à lógica; tomemos, enfim, as mesmas armas que dizem usar os partidários do aniquilamento da alma, para ferir o ponto principal da questão.

Suponhamos por um momento que não fosse possível demonstrar a existência do "Espírito", pelo Magnetismo e Hipnotismo, demos de exemplo que fossem suprimidos todos os meios de comunicações com o Mundo dos Espíritos, ainda, assim, a Razão, essa lanterna que nos guia na pesquisa da Verdade, repeliria com os raios de sua lógica vibrante, o "dogma materialista", de que o pensamento é uma secreção do cérebro, e que o "Eu" é a resultante do trabalho das moléculas que se uniram para formar o corpo físico.

É bastante estudarmos a "MEMÓRIA" para chegarmos à conclusão que existe fora do corpo físico, um outro corpo que, como uma placa sensível fotográfica, guarda para sempre todos os fatos que impressionam o nosso Espírito, - que finalmente existe em nós um "ser" que pensa, quer, sente e ama com completa reminiscência da sua infância e de todos os atos de sua vida.

E neste corpo denominado por Allan Kardec - "perispírito" ou corpo espiritual que reside a memória. Já os filósofos gregos pelas palavras - "Ochéma" e "Ferouer" chamavam o invólucro da alma "lúcido, etéreo, aromático".

S. Paulo, o grande doutor das gentes, em sua Epístola aos Coríntios, disse: "Assim como há um corpo animal, também o homem possui um corpo celeste".

O invólucro da alma recebeu, enfim, várias denominações de filósofos que constataram a sua existência. Embora os materialistas queiram, a viva força, negar a existência dessa vestimenta fluídica que envolve a nossa alma e onde se acham gravadas as lembranças da nossa existência, a sua

negação servirá tão somente para destronar a "deusa matéria" tão venerada por todos aqueles que não se querem afastar de suas teorias preconcebidas.

É corrente em ciência e os materialistas são unânimes em afirmar que a matéria se renova constantemente e que o nosso corpo atual não é o mesmo que nos envolvia há 7 anos atrás. Para demonstrar esta verdade trazem em apoio, entre outras experiências, a de Flourens, que consiste no seguinte:

"Submetendo-se durante um mês um animal ao regime da granza, substância que tingem de vermelho os objetos que são dela impregnados, no fim de um mês deste regime, o animal possui um esqueleto tinto de vermelho. Se depois passarem a dar ao animal sua alimentação habitual, os ossos tornam-se brancos a partir do centro porque o renovamento incessante dos ossos como da carne, opera-se do interior para o exterior".

De maneira que, desde as partes mais consistentes da carcaça óssea, às partes mais moles do cérebro, um renovamento incessante se opera, e como o organismo do animal, o do homem obedece às mesmas leis.

Como explicar, diante dessas mutações - transformações da matéria, o fato de guardarmos a lembrança do que se tem passado conosco, mesmo depois de 20 - 30 - 60 e mais anos, se não admitirmos um ser pensante que armazene, fora da matéria que se transforma e modifica, essas lembranças, prontas sempre a serem externadas por um esforço da nossa vontade?

Há pouco, ilustre homem de ciência que me distingue com sua amizade, pensou ter respondido a essa pergunta que lhe fiz, com a afirmação: "que a "célula" não se destrói repentinamente, e que a nova "célula" vai se adaptando a antiga e recebendo desta o timbre das lembranças que não foram destruídas".

Embora a boa vontade permita conceder inteligência à "célula", esse argumento cai ao primeiro sopro do raciocínio.

Aproveitamos os estudos do ilustre cientista Gabriel Delanne, feitos de acordo com Richet: "Origine de la memoire"; Maudsley: "Physiologie de l'Esprit"; Ribot: "Les malades de la memoire"; Carpenter: "Mental physiology", etc. e procuremos esclarecer o nosso raciocínio.

Já sabemos que na natureza tudo é movimento. Os corpos que parecem

em repouso não o estão: nem exteriormente, pois participam do movimento da Terra, - nem interiormente, pois suas moléculas são sem cessar agitadas por essas forças invisíveis que lhes dão suas propriedades físicas particulares: estados sólidos, líquidos e gasosos.

As modificações das moléculas devem portanto, ser produzidas por um movimento vibratório.

Esse movimento por sua vez deve ter a intensidade e durações necessárias para sua realização.

Cada ato psíquico requer uma duração apreciável; - toda ação nervosa cuja duração não se efetua nos limites necessários para que a ação psíquica se produza, não pode despertar a consciência. Isto parece claro e lógico. Para que na mudança da "célula" se opere a impressão da lembrança é forçoso que o movimento tenha uma certa intensidade e uma certa duração. Quando começa a se operar a nova mudança, forçosamente o movimento terá diminuído de intensidade e duração precisas, para que a nova molécula seja afetada, visto a resistência das moléculas novas que é preciso vencer. Na primeira renovação a impressão não pode ficar gravada com a mesma precisão com que estava na "célula" velha, por causa do tempo que decorreu não ser o necessário, e ainda por causa da intensidade não ser suficiente em virtude mesmo do pouco prazo que a "célula" nova teve na realização do seu trabalho.

Na segunda renovação a impressão ainda será menos saliente. Da terceira, quarta em diante começará a se apagar.

Essas renovações se operam em grande número de vezes, visto a extrema rapidez nas permutações nutritivas, - de sorte que, quando o indivíduo for velho, a lembrança estará completamente apagada das "células".

Ora, e ninguém ousará negar, é justamente o contrário o que se dá - as lembranças da infância são persistentes nos anciãos - o que demonstra que elas não estão armazenadas nas "células" que se renovam, mas sim no "perispirito" cuja existência os materialistas se limitam tão somente em negar.

A negação nada prova, e não é pelo fato dos materialistas negarem o Espírito, que ele deixa de existir; - o cego também nega a luz, o surdo, os sons, entretanto o sol e os astros nunca deixaram de nos alumiar com seus

clarões benéficos, e os sons não deixaram de ser percebidos por nós que os admiramos e apreciamos.

O materialismo é incoerente em seus ensinamentos, absurdo em suas divagações e prejudicial em suas conclusões. Divorciado da Razão que pretende a todos os momentos "endeusar", o materialismo contradiz-se, ora dogmatizando, quando lhe escapam a lógica e o raciocínio, ora valendo-se dos subterfúgios e dos sofismas quando quer fazer prevalecer suas teorias preconcebidas. Como diz o ilustre escritor Leon Denis o "espírito humano flutua indeciso entre as solicitações das duas potências: de um lado as religiões com seu espírito de dominação e de intolerância; - de outro a "ciência" materialista em seus princípios como em seus fins, com frias negações e exagerada inclinação para o individualismo.

Uma: religião sem provas; outra: ciência sem ideal; - e em torno de ambas acumulam-se as ruínas e os destroços de numerosas esperanças e de aspirações derrubadas".

É preciso nos erguermos para oferecer combate a essas idéias errôneas que trazem em si o timbre do orgulho e da vaidade com que foram concebidas.

Oxalá que as nossas demonstrações sirvam de incentivo para todos aqueles que nos lerem com atenção, estudarem mais intimamente a questão do "Ser" e do "não Ser" tão debatida nestes últimos tempos.



V

Padres e ministros protestantes

Motivo dos anátemas contra o Espiritismo

O leitor que nos tem dispensado a sua preciosa atenção, ao ler as páginas precedentes naturalmente fará a si mesmo a seguinte pergunta:

"Se o objetivo do Espiritismo é demonstrar aos homens a "Imortalidade da Alma" e seus conseqüentes deveres perante "Deus e o seu próximo" qual é o motivo da guerra sem tréguas que lhe movem os Padres e Ministros Protestantes?"

Com efeito, parece lógico que o Espiritismo longe de ser um adversário da Religião é uma poderosa alavanca para o erguimento desta em todas as consciências, pois não só a sua filosofia ricamente consoladora, como os fatos que vêm reforçar a sua veracidade, o atestam exuberantemente, sem que até agora pudessem ter sido contestados.

Em todos os tempos, porém, nos momentos em que as inovações religiosas vêm pôr um paradeiro aos abusos e ao mercantilismo das coisas santas, usados por aqueles que tomaram o encargo de dirigir a humanidade, toda a sorte de impropérios, de anátemas, de excomunhões são atiradas contra as novas verdades, que tendem a destruir os erros arraigados no coração da humanidade.

Assim tem sido até aqui e assim continuará a ser até que o interesse vil, o preconceito estúpido, o orgulho nauseabundo e a ignorância lastimável sejam extirpados da alma humana que sempre progride e sempre se aperfeiçoa.

Quando Jesus - o Messias divino - baixou a este mundo e distribuiu em profusão as palavras da Verdade de que foi Portador, o espírito clerical daquela época levantou-se hirsuto contra a Nova Doutrina de Paz e de Amor.

Escribas - Fariseus - Doutores da lei exerceram a tal ponto o ódio contra a Doutrina da Verdade, que foi necessário ao Meigo Jesus escalar o Gólgota para cancelar a Palavra que recebeu e transmitiu aos seus Discípulos, com o seu sangue puríssimo a fim de que Ela não mais pudesse ser destruída.

Os homens de então, como os homens de hoje o fazem com a Revelação Divina, bateram palmas às acusações lançadas contra Jesus, e prenderam-se por longo tempo à "lei mosaica" deturpada pelos sacerdotes remunerados das religiões que delas faziam seu meio de vida.

Se assim foi com o Cristianismo, por que o mesmo não deve acontecer com o Espiritismo, que é o seu complemento?...



VI

Satanás e loucura

A Sugestão em Ação

Não sendo possível aos representantes das sentas religiosas negar as portentosas manifestações de Espíritos que cada vez mais se multiplicam para arrancar os homens do cárcere da descrença, inventaram um meio cômodo para explicar os fenômenos, tentando assim desviar as almas do Caminho da Verdade.

Dizem eles: "E Satanás - é o diabo que vem se comunicar e que tomando as aparências dos parentes e amigos do evocador, procura arrastá-los para o "reino infernal".

Foi esta a primeira sugestão atirada pelos corifeus do romanismo e protestantismo no espírito público para que não ficassem prejudicados seus interesses materiais e o seu domínio sobre as almas.

Mas como admitir Deus, o Ser Onipotente e o Satanás seu adversário perpétuo que a todos os momentos destrói suas obras e arrebatava seus filhos para conduzi-los para um inferno eterno?

O diabo, todo o mundo já sabe, é uma palavra para simbolizar o mal, e não pessoa, uma individualidade. Hoje ninguém mais crê no Satanás de chifre e rabo, que já se consumiu na noite dos tempos.

Vendo destruído o primeiro passe sugestivo com o riso irônico dos pensadores, o clero apelou para uma objurgatória mais emocionante "e sem cogitar os meios, contanto que os fins sejam obtidos", formalizou-se, armazenou energia e envolvendo a palavra "Loucura" nas ondas fluídicas de sua malícia, atirou-a em profusão no cérebro definhado de suas tosquiadas ovelhas:

"O Espiritismo produz loucura!!!" eis a segunda bordoadada hipnótica dada com segunda intenção pelos impenitentes inventores de males,

segundo a frase do Apóstolo.

O leitor que até aqui nos tem acompanhado, estamos certos de que não tomará a sério esta outra forma de combater uma Ciência nascente, como é o Espiritismo.

Se fosse possível uma Ciência, uma filosofia ou um ensino qualquer produzir "Loucura", seria mais fácil atribuímos este mal aos regimes severos do catolicismo, com seus mistérios insondáveis, suas práticas sibilinas e suas exigências sem fundamento. Os rigorosos jejuns a que eram submetidos aqueles que não podiam comprar a dispensa, a vida ascética, os gestos forçados, as mímicas, e mais um milheiro de coisas que deixamos de escrever, poderiam com mais facilidade produzir a "Loucura" do que uma Ciência que demonstra com fatos a nossa imortalidade e uma Religião que nos conduz á Perfeição, - sem dogmas, nem mistérios ou coisas que estabeleçam a confusão no nosso espírito.

E já que entramos nesse assunto que lembra os misticismos religiosos, não será demais aconselhar aos "espíritas inscientes", o estudo dos livros de Allan Kardec, para que se identifiquem com os princípios básicos do Espiritismo, e evitem por essa forme tudo o que possa escandalizar e dar a censurar àqueles que, adversários sistemáticos, nos espreitam visando o descrédito da nossa doutrina.

A intromissão nos dogmas e sacramentos das seitas sacerdotais não está de acordo com o caráter espírita, assim como não devem essas práticas materiais e pagãs serem usadas nos núcleos espíritas sob qualquer pretexto.

O Espiritismo é a doutrina do Espírito que deve ser usada em verdade, na realidade e não na aparência. As práticas cultuais e ritualísticas são próprias das doutrinas humanas porque o seu caráter é puramente sectário.



VII

A fé, a razão e a liberdade

A FÉ longe de ser a crença em certos e determinados dogmas religiosos, e o resultado dos estudos das leis naturais, livre do sentimento sectário do crente, por obediência partidária.

A FÉ tem sua base na inteligência daquilo que se deve crer; por isso é que se diz: para crer não basta "ver" é preciso compreender.

Diz A. Kardec: "A FÉ inabalável é aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade".

"A Razão é uma faculdade superior destinada a nos esclarecer sobre todas as coisas e que como todas as outras faculdades, desenvolve-se e aumenta-se pelo exercício". Assim é que bem diz Leon Denis "que a Fé não pode ser substituída pela Razão, e nem esta por aquela porque ambas são inseparáveis - se consolidam e vivificam uma à outra.

A união de ambas alarga os horizontes do nosso pensamento, harmoniza as nossas faculdades e nos dá uma paz consoladora".

A FÉ cega - é o edifício construído na areia movediça de que falou Jesus. É está a Fé prescrita por todas as seitas religiosas que têm procurado anular a Razão, exigindo a abdicação do mais precioso atributo do homem: o livre-arbítrio.

O homem é dotado de liberdade, e é pelo bom uso que ele fizer dessa liberdade que lhe vem o mérito de suas ações.

Sem a liberdade não há responsabilidade, e sem esta a criatura humana não é mais do que um brinquedo do trabalho das moléculas que fortuitamente se congregam no organismo, o que tiraria toda a sua responsabilidade de ação. Embora tenazmente combatido o livre arbítrio, por certos filósofos, ele aparece em todos os atos da vida dos povos, demonstrando assim a sua realidade.

Desembaracemo-nos de todas as idéias preconcebidas, demos o grito de

Liberdade a todas as consciências, façamos funcionar a Razão de todos os nossos semelhantes e veremos dentro em breve a Fé se colocar em seu posto de honra - superior às ameaças do preconceito e às seduções vis da visão do ouro.



VIII

Religião e religiões

Sem Caridade não há Salvação

Visto termos falado em Catolicismo romano e Protestantismo, julgamos do nosso dever fazer algumas referências sobre a Religião - única que pode ser tomada na acepção da palavra.

Inúmeras são as seitas religiosas que disputam a primazia e se digladiam, anatematizando-se umas às outras.

Sem falar nas antigas religiões que ainda têm os seus adeptos, lembramo-nos do "Catolicismo romano; catolicismo francês; catolicismo russo; catolicismo grego; catolicismo protestante" em suas modelações: "Luterano, Calvinista, Batista, Sabatista, Metodista, Presbiteriano, Independente"; e ainda as religiões: "Hebraica, Maometana", dos "Brâmanes, de Confúcio" etc., etc.

Como se pode saber onde está a Verdade se cada uma dessas seitas afirma tê-la consigo?

Eram chegados os tempos da Verdade triunfar dos erros "teológicos" e uma Nova Revelação veio nos tirar do estado de indecisão em que nos achávamos.

O lema exclusivo de: "Fora da Igreja não há salvação" usado por todas essas doutrinas que citamos, foi substituído por outro que é a pureza em sua mais alta expressão:

"FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO".

Ouçamos "a máxima: Fora da Caridade não há Salvação se baseia num principio universal e abre a todos os filhos de Deus o acesso à felicidade suprema; essa máxima é a consagração do principio de igualdade perante Deus e da liberdade de consciência, tendo como regra todos os homens se considerarem irmãos, qualquer que seja o seu modo de adorar o Criador".

O dogma: "Fora da Igreja não há salvação" exclusivo e absoluto, apóia-se, não sobre a fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, "mas na fé especial em dogmas particulares".

Este dogma em vez de excitar os homens ao amor por seus irmãos, entretém e sanciona a irritação entre os sectários dos diferentes cultos que se consideram reciprocamente malditos na eternidade, embora esses sectários sejam parentes ou amigos neste mundo, contribuindo para o aniquilamento da grande lei de igualdade perante o túmulo e separando-os até no campo santo.

O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo a possibilidade da salvação por qualquer crença - "uma vez que se observe a lei de Deus, não diz absolutamente que "fora do espiritismo não haja salvação" e como não pretende ensinar toda a verdade, visto como a verdade absoluta só a conhecem Espíritos de elevada ordem, também não diz que "fora da verdade não haja salvação", máxima esta que dividiria as opiniões, em vez de as unir, e perpetuaria o antagonismo já existente".

Assim é que desfraldando a grande bandeira "Fora da Caridade não há salvação" o Espiritismo (que é o Consolador prometido por Jesus, "S. João XIV, 26") vem nos fazer lembrar o que disse o Filho de Deus:

"Amareis o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração" e de toda a vossa alma, de todo o vosso entendimento - nisto consiste o maior e primeiro mandamento. Eis o segundo, que é semelhante ao primeiro: amareis o vosso próximo como a vós mesmos. "Toda a lei e os profetas estão encerrados nestes dois mandamentos. (S. Mateus XXII, 34 a 40)".

E, portanto, a Caridade quando praticada, material, moral e espiritualmente falando, a Religião Pura que nos conduz a Deus. Foi para demonstrar esta verdade que Jesus baixou a este mundo, pois toda a sua vida, desde o seu nascimento até a sua morte, foi a expressão mais significativa da Caridade em toda a sua plenitude.

Quando os pastores e representantes dessas "religiões" a que nos referimos, anatematizarem o Espiritismo, lembrai-vos, caro leitor, do conselho de S. João: "Provai se os espíritos são de Deus, porque são

muitos os falsos Profetas que se levantaram no mundo".

Procurai discernir esse Espírito, esse padre, ou esse ministro protestante. Perscrutai o seu íntimo; - verificai se ele prega o Evangelho "por amor a Deus e a seu próximo" ou se é por amor à recompensa da Terra - ao seu ordenado - às espórtulas que recebe e das quais vive.

Examinai a palavra de Jesus citada por Mateus VI, 24: "Não podeis servir a dois senhores; porque ou heis de odiar um e amar outro, ou vos dedicareis a um e desprezareis o outro.

Não podeis servir a Deus e às riquezas (mamom)".

E preciso que não vos iludam os "pastores interesseiros" que agradam a ovelha com interesse na lã.

Toda a doutrina que tem representantes que dela vivem não pode ser verdadeira.



Conclusão

Diz o Evangelho "que ninguém acende uma luz e a coloca sob o alqueire", demonstrando, por essa forma, o Mestre dos mestres, o dever de propagação que assiste a todos os que obedientes aos preceitos divinos querem se alçar, em surtos de amor, às regiões serenas da Espiritualidade.

Pois bem, essa obrigação está afeta aos verdadeiros espíritas que, pela palavra e pela imprensa, devem transmitir, aos que ignoram, as novas promissoras da Terceira Revelação.

As sessões experimentais são necessárias, indispensáveis para o estabelecimento e robustecimento da crença, mas a difusão espírita não consiste nessas práticas, cuja efetivação atualmente nos centros não prima pela boa orientação.

As sessões de divulgação da doutrina são indispensáveis em todos os núcleos, e franqueadas ao público. Devem ser feitas em forma de conferência ou palestras previamente preparadas abordando sempre os temas principais que constituem a base do Espiritismo.

A biblioteca espírita é muito grande e contém todos os dados precisos para a organização de suas conferências e palestras.

Outro meio, como dissemos, é a distribuição de jornais e folhetos de fonte espírita, que levam sempre aos lares, a luz que ilumina, a esperança que consola, a paz que alicerça o estabelecimento da Verdade nas consciências.

Seguindo esta orientação, que é a que temos usado com muito bons resultados, os espíritas farão obra boa, tornando todos os que lhes são próximos partícipes das promessas de felicidade e Vida Eterna, que Deus reserva para todos os seus filhos. **Fim**

